



NOS CAMINHOS DO CORPO: REFLEXÕES SOBRE A BELEZA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Liege Monique Filgueiras da Silva
Karenine de Oliveira Porpino

Universidade Federal do Rio Grande do Norte – Brasil

Resumo: Falar em corpo e beleza parece algo bastante familiar à Educação Física. Nesse sentido, buscamos refletir as relações entre corpo, beleza e Educação Física, tendo como referência metafórica as seguintes obras de arte: *Apolo do Belvedere*, *Narciso no lago* e *O acrobata*. Inicialmente, ressaltaremos a experiência da beleza em sua relação com o corpo, considerando dois referenciais de beleza pautados pelas imagens de Apolo e Narciso. Em seguida, apresentaremos algumas reflexões com base na obra *O acrobata*, de Pablo Picasso, no sentido de apontar contribuições para o campo da Educação Física.

Palavras-chave: corpo; beleza; educação física.

NOS CAMINHOS DO CORPO...

É possível perceber que o corpo vem sendo tematizado e discutido por diferentes instituições sociais, bem como nas mais diversas formas de cultura, pensamento e conhecimento, como a Religião, a Ciência, a Educação e a Arte. Consequentemente, tem sido fonte de curiosidade, indagação e estudos, a julgar pela quantidade de livros e artigos sobre o tema que encontramos nas livrarias, as inúmeras possibilidades de intervenção corporal propagadas para a população e a grande recorrência das produções científicas, estudos e debates a seu respeito.

Especialmente na Educação Física, o corpo e a beleza encontram um campo vasto de discursos, pesquisas e debates. Potencialmente, a área produz e divulga conhecimentos sobre o corpo por meio de uma diversidade de manifestações, como o esporte, os jogos, a dança, as lutas e a ginástica. Isso nos faz acreditar que ela possa se constituir pela pluralidade de conhecimento, atravessada por diversos saberes e práticas, e deva estar aberta ao diálogo com diferentes tipos de conhecimentos, a partir do corpo e da cultura de movimento (MENDES, 2002). A aborda-

gem do corpo na área possibilita sentidos e significados diversos sobre a aparência, a beleza e a estética – formas diversas de perceber o corpo que permitem evidenciar diferentes horizontes para sua compreensão a partir da noção de beleza.

Compreendemos que, embora a discussão acerca do corpo pareça ser bastante corriqueira e comum na atualidade, como aponta Melo (2009), é comum ouvirmos em eventos e estudos da Educação Física que o corpo está inflacionado, fato de que o autor discorda. Concordamos com ele, visto que os relatos em torno desse fenômeno na área parecem ser uma história sem corpo, pelo menos como elemento essencial de nossa existência.

Do mesmo modo, indaga Nóbrega (2008), há muitos escritos sobre o corpo; haveria ainda algo a ser dito? Talvez não, diz ela. No entanto, para essa autora, paradoxalmente, ainda há a impressão de que falta muito a ser realizado quando se trata de corpo nas práticas educativas, sobretudo como condição existencial.

Dessa maneira, o corpo continua sendo uma fonte profícua de conduzir e reconvocar o homem para além dos conhecimentos objetivistas. Em outras palavras: “No campo do conhecimento do corpo, coloca-se um reexame e reinvestimento dos modelos existentes, como condição para se criar novos materiais ou novos meios de expressão” (NÓBREGA, 2006, p. 67).

Nesse sentido, compreendemos a experiência estética como uma possibilidade de redimensionar as perspectivas objetivistas do conhecimento sobre o corpo. Uma experiência estética como propiciadora da vivência sensível entre sujeito e objeto, visível e invisível, conhecimento e sentido, informação e interpretação, isto é, configurações que não estão contidas no objeto, mas no imbricar do sensível entre o sujeito que percebe e a coisa percebida (PORPINO, 2003).

Nessa perspectiva, amparados nas ideias de Merleau-Ponty (2004a) e Nóbrega (2008), compreendemos a arte como uma possibilidade da experiência do sensível; segundo esclarece a autora, “[...] não como pensamento de ver ou sentir, mas como reflexão corporal” (NÓBREGA, 2008, p. 398). E, de fato:

A obra não é portanto aquela que existe em si como uma coisa, mas aquela que atinge ao espectador, convidando-o a recomeçar o gesto que a criou e, pulando os intermediários, sem outro guia além do movimento da linha inventada, do traçado quase incorpóreo, a reunir-se ao mundo silencioso do pintor, a partir daí proferido e acessível (MERLEAU-PONTY, 2004a, p. 81).

Desse modo, pensando nas expressões novas e inacabadas propiciadas pelas obras artísticas, é que as utilizaremos não para historizar os padrões culturais do corpo por intermédio das artes, mas para fazermos reflexões pontuais às necessárias articulações entre corpo e beleza, tendo como referência modelos de beleza delineados historicamente na Educação Física. Logo, esses enfoques artísticos se fazem importantes para

percebermos os discursos de beleza aos quais, na Educação Física, o corpo foi submetido no passado e que, de certo modo, alguns permanecem até hoje.

Portanto, as linhas que se seguem buscam refletir as relações entre corpo, beleza e Educação Física, tendo como referência metafórica as seguintes obras de arte: *Apolo do Belvedere*, *Narciso no lago* e *O acrobata*.

Inicialmente, ressaltaremos a experiência da beleza em sua relação com o corpo, considerando dois referenciais de beleza pautados nas imagens de Apolo e Narciso. Em seguida, apresentaremos algumas reflexões com base na obra *O acrobata*, de Picasso, visando apontar contribuições da temática no campo da Educação Física.

CORPO, BELEZA E O IDEAL APOLÍNEO: IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO FÍSICA

A Educação Física, por meio da história, sempre esteve ligada ao objetivo de transformar os corpos, de modelá-los e enquadrar os indivíduos nas concepções estéticas preconizadas em cada época, perpassando os modelos tecnicista, higienista e militarista presentes na história da área. Compreendemos que, independentemente da vertente, os modelos que marcam a história da área sempre expressaram o desejo de transformação dos corpos, bem como a modelagem de suas formas.

Certamente, a Educação Física priorizou o corpo a partir das práticas corporais e dos modelos de beleza implícitos tanto nos gestos perfeitos quanto nos corpos padronizados. Em outras palavras: “A busca de um padrão de beleza a ser adquirido pela prática do exercício tem marcado fortemente a história da Educação Física, fazendo-nos acreditar que esta vem priorizando uma concepção de estética fundada no ideal clássico de beleza” (PORPINO, 2003, p. 148).

A autora institui ao deus grego Apolo a representação da beleza clássica, da média, da ordem, da proporção, da simetria, do equilíbrio e da harmonia das formas, tão emblemáticas na maneira como o corpo e a beleza historicamente são percebidos na Educação Física. Jovem, bonito e de uma aparência corporal definida, sabe-se que ele foi o soberano da poesia, da música, da dança e do pensamento intelectual, assim como da medicina, da condução dos homens e da colonização.

Uma das doze divindades gregas do Olimpo, Apolo também é chamado de Febo. Filho de Zeus e de Leto, irmão gêmeo da deusa Artêmis e pai de Asclépio e de Orfeu, ele é conhecido na mitologia greco-romana como uma divindade solar, mas, especialmente, como aquele que representou o ideal grego de beleza masculina, por possuir atributos e uma beleza física inigualáveis (KLOSS, 2009).

Conforme podemos observar na Figura 1, a famosa estátua de mármore foi feita na Antiguidade Clássica, no ano 300 a.C., por Leocarés. O *Apolo do Belvedere*

Figura 1

Apolo do Belvedere, século IV a.C. Museu Vaticano. Leocarés.



Fonte: Portal D'Arte (2016).

foi redescoberto no Renascimento e durante vários séculos simbolizou a perfeição estética para europeus e ocidentais em todo o mundo. Hoje, está exposta no Museu Pio-Clementino, no Vaticano.

Como mostra a imagem, sua beleza está fundada na aparência, na medida, na ordem, na proporção e na simetria do corpo, características observadas por meio dos traços e das formas serenas como esse deus é arquitetado e concebido. É certo que a representação e os traços estéticos de Apolo ainda parecem estar imbuídos na Educação Física, pois vista como área relacionada às práticas corporais ou como atividade formadora dos corpos, aparece como aquela pela qual a beleza clássica poderia ser adquirida.

Certamente, a área traz consigo concepções de corpo pautadas pela formação estética e ideais de beleza atreladas às práticas corporais, traduzidas em corpos retos, esguios, esbeltos e harmoniosos. Trata-se de uma concepção clássica de beleza que se impõe como modelo no mundo grego por meio do deus Apolo e ganha forças nas artes com o Renascimento (PORPINO, 2003).

Com um olhar atento ao longo da história da Educação Física, podemos perceber que formas diversas de concepção acerca do corpo foram sendo construídas, especialmente relacionadas ao Movimento Ginástico Europeu. Esse movimento teve origem nas relações cotidianas de festas populares, espetáculos de circo e de rua, de exercícios militares e outros passatempos da aristocracia, configurando-se, de modo geral, como princípios de ordem, disciplina e estética (SOARES, 2002).

Segundo essa autora, das práticas criativas e lúdicas, configuradas pelo lazer e entretenimento, extrai-se aquilo que poderia servir aos princípios de uma atividade, uma possibilidade de educação, baseada em pressupostos científicos, técnicos e políticos, restringindo o corpo aos aspectos utilitários e educativos. Nesse sentido, podemos compreender que a ginástica afirma-se como parte da educação dos indivíduos, mais especificamente uma educação do corpo, pautada pelos aspectos do controle, da robustez, da disciplina, do alinhamento e da higiene, moldados e adequados do ponto de vista médico, ortopédico e estético (SOARES, 2002). De modo geral, disseminava-se a ideia de modelagem e estética do corpo, em que todos deveriam se adequar ao modelo e padrão instituídos como ideal na sociedade.

Dessa maneira, os exercícios físicos atrelados à beleza aparecem por meio dos treinamentos, dos aparelhos ortopédicos e do uso de espartilhos, e estão vinculados à Educação Física há bastante tempo, como assegura Porpino (2003, p. 148):

As preocupações com a formação estética e com a beleza estão explicitamente vinculadas ao corpo e aos gestos técnicos que esse corpo realiza nas práticas ginásticas, esportivas, dentre as outras que compõem o arsenal da Educação Física [...] Apesar de pouco discutida no campo acadêmico, a relação entre Educação Física e estética é bastante antiga, basta que retomemos o Movimento Ginástico Europeu no século XIX.

Desse modo, a relação entre corpo, beleza e exercício físico presente no movimento ginástico francês estava associada a uma educação do gesto e harmonia dos movimentos, como afirma Soares (2002b, p. 111), com base nas obras de Demeny: “[...] a harmonia traz a beleza. Um movimento não é belo se não é correto, preciso ou bem definido”.

De acordo com a autora supracitada, a beleza aparece na obra de Demeny como consequência de dada disciplina em que o exercício físico possui um lugar privilegiado, deve ser belo e expressar a harmonia geral do corpo.

Desse modo, o corpo, para ser considerado belo, deve estar ligado aos exercícios realizados de maneira harmoniosa e correta. O belo, nessa concepção, configura-se a partir da prática de exercícios físicos, ou seja, “[...] uma educação do gesto implícito nas formas a serem obtidas através dos exercícios físicos executados corretamente” (PORPINO, 2003, p. 149).

Nesse contexto, a Educação Física, imbuída historicamente de uma concepção clássica e de uma formação estética atrelada às formas corporais, precisa considerar que essa concepção não é a única, tampouco é suficiente para abarcar todo o universo estético na contemporaneidade, como acrescenta Porpino (2003, p. 155): “[...] basta olharmos os múltiplos corpos que transitam e confundem-se nas ruas dos

grandes centros urbanos para vermos como são diversos os aspectos culturais que levam determinadas pessoas a serem vistas como belas”.

Portanto, diante da multiplicidade de corpos existentes, compreendemos que múltiplas também são suas representações. Sendo assim, estando a beleza atrelada aos exercícios físicos no contexto da Educação Física, com base na concepção de beleza apolínea, refletiremos, também, sua relação com o olhar do outro, a contemplação de si e o corpo forte, pautados no deus Narciso.

NO LABIRINTO DOS ESPELHOS: NARCISO E O MUNDO ENCANTADO PELA IMAGEM

Compreendemos que o cuidado com o corpo está pautado em discursos normatizadores, que estabelecem modelos, formas e ideias para o corpo. A ele são atribuídos valores, crenças, conceitos e concepções que determinam como o ser humano deve se enquadrar nas sociedades e nas culturas.

Sobre isso Foucault (2002) explica que, em qualquer sociedade, o corpo está preso a poderes que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Dessa forma, entendemos que as concepções de corpo e de beleza estão pautadas em relações de poder, pois, como afirma o autor: “[...] o corpo é investido por relações de poder e de dominação” (FOUCAULT, 2002, p. 25).

De fato, embora sejamos constantemente influenciados pelos discursos normatizadores que nos cercam, é preciso reconhecer que o ser humano, ao mesmo tempo que é submetido aos valores impostos a ele, é capaz de criar e recriar saberes diversos para as verdades já instituídas.

Essa nuance pode ser expressa em Foucault (2006), como o poder que, ao mesmo tempo que se exerce, cria mecanismos de fuga. Dialogando ainda com o autor supracitado, ao falar sobre a sexualidade, o discurso que se fala e se cala na vontade de saber sobre o sexo pode tomar como referências o corpo e a beleza, que, tal como o sexo, perpassam os discursos de poderes. Quanto a isso, ele afirma que “[...] os discursos [...] nem são submetidos de uma vez por todas ao poder, nem opostos a ele [...] o discurso veicula e produz poder; reforça-o, mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo” (FOUCAULT, 1998, p. 111-112).

Nesse processo, não somos meros receptores ou simplesmente passivos. Nós interagimos com o meio constantemente, possibilitando que inventemos e reinventemos aquilo que nos é proposto.

Podemos perceber que o ideal contemporâneo é o ideal de um corpo completamente enxuto, compacto, firme, jovem e musculoso. Ser magro, esbelto, não basta; a flacidez, a gordura e as imperfeições devem ser corrigidas e eliminadas, pois

a carne não deve mexer-se, e o corpo deve ser firme, harmonioso e sem a presença das marcas do tempo.

Socialmente, o corpo sarado e tonificado confere não apenas atributos físicos, mas também está associado ao cuidado intenso com o corpo, sucesso profissional e sentimental, símbolo de virilidade masculina e sinônimo de ostentação feminina. Para tanto, Silva (2001) clarifica que o cuidado com o corpo transformou-se numa ditadura do corpo, valendo-se utilizar de todos os aparatos científicos e tecnológicos de que o mercado dispõe para que, de fato, as pessoas possam se enquadrar no modelo dito ideal.

Nessa busca pela musculatura firme e definida, características que configuram a beleza do corpo forte, o uso indevido de suplementos alimentares, medicamentos e anabolizantes, objetivando o aumento e a definição muscular em curto prazo, refletem a maneira drástica como os homens vêm lidando com o próprio corpo, na promessa de possuir um corpo belo.

Sendo assim, a atividade física torna-se um investimento auxiliar diante dos diversos meios que possibilitam manter o corpo atlético, em que os medicamentos e anabolizantes são utilizados como principal meio de alcance e definição muscular. De acordo com Soares (2002), os anabolizantes deixam os consultórios médicos e conquistam adeptos interessados em obter musculatura de forma imediata; não importam os riscos decorrentes de seu uso indiscriminado, desde que se conquiste o corpo idealizado.

Sobre isso, Chaves (2009) nos diz que “ser forte” é a imagem tão perseguida nos labirintos da vida em uma sociedade obsedada por imagens, pela aparência e pelo quimérico do corpo perfeito. Nessa direção, a competência profissional na Educação Física parece estar imbricada à aparência física. Como acrescenta Chaves (2009), é na exaltação do professor saradão, grandão, forte e bonito que os indivíduos na Educação Física gozam de um passaporte que lhes agrega *status* e ampliação da circulação social. Em suas palavras, “[...] a percepção da forma corporal integrada à competência profissional exclui do mercado um grande número de pessoas que não se enquadram neste perfil” (CHAVES, 2009, p. 186).

A autora supracitada, ao investigar a cultura corporal de futuros professores de Educação Física do Estado do Rio de Janeiro, constata que a maioria dos estudantes participantes de sua pesquisa chegou à graduação já fazendo uso de esteroides anabolizantes, especialmente os que enfatizam praticar musculação. Sobre essa busca pelo corpo perfeito, em sua relação com a Educação Física, Chaves (2009), admirada, afirma: “A ambiência do curso de Educação Física não parece deflagrar ou mesmo estimular a utilização dos esteroides anabolizantes, embora encontremos um fértil imaginário de normalização desta prática” (CHAVES, 2009, p. 236).

Não obstante, observa-se que socialmente a área está atrelada a ambientes que possibilitam intervenções na aparência corporal, como academias, *spas* e clínicas de estética. Do mesmo modo, uma representação de corpo é veiculada aos bons profissionais, ou seja, o corpo como uma espécie de “currículo”, ao relacionar boa forma à qualidade profissional.

Aliado a esse pensamento, que perpassa socialmente a área, o profissional de Educação Física muitas vezes divulga de forma acrítica a relação corpo e beleza, ao fundamentar e desenvolver suas ações pedagógicas apenas na perspectiva da estética como padrão idealizado de corpo.

Portanto, podemos dizer que a Educação Física, por vezes, ainda parece imbuída da fantasia da imagem perfeita, sobretudo como potencializadora a enredar esse imaginário do corpo perfeito e da perfeição narcisística.

Assim, seja nos mitos, seja na real história da humanidade, Narciso continua representando e permeando o imaginário e quimérico da perfeição. E, de fato, os narcisos da contemporaneidade podem ser facilmente percebidos nas imagens dos corpos esculturais espalhados em nossa sociedade. São deuses, ou melhor, simples mortais que, ludibriados e ávidos pela finitude da beleza divina, acabam ingressando entre os labirintos de seus reflexos.

Nesses labirintos, encontramos Narciso, símbolo da mitologia grega, considerado o mais belo dos mortais. Filho do rio Cefiso e da ninfa Liríope, ele possuía uma beleza à altura das divindades, fato que o levou a ser condenado a viver até a idade madura na condição de jamais ver a própria imagem (NAKAGAWA, 2009).

De acordo com Chaves (2009), Narciso, em sua indescritível formosura, afrontava os próprios deuses por ultrapassar os limites da beleza humana, razão por que foi merecedor de punição. Sua mãe, Liríope, preocupada com o futuro do filho, consulta o mais célebre dos adivinhos para saber se ele viveria muitos anos. O velho Tirésias anuncia que o jovem viveria longos anos, desde que não se visse.

Essa sentença é cumprida no momento em que, em certa caçada, ávido por água, Narciso aproxima-se da fonte Téspias, e, sobre o cristalino espelho d’água, viu-se refletido (Figura 2). E é esse reflexo, precisamente, que se mostra revelador e que ele contempla, “[...] sua imagem o capturou, embevecido e extasiado com sua beleza apaixonou-se” (CHAVES, 2009, p. 233).

Rico em sua simbologia, encontramos nesse mito uma fantasia que revela a obsessão pela imagem, pela aparência e pela admiração, cultivada em um modelo de corpo que satisfaz e contempla os próprios indivíduos. Nesse sentido, os narcisos contemporâneos também acenam para o corpo do desejo, mobilizados pela admiração de suas “ninfas”, ao se debruçarem nos lagos, desvelam: “O que pode ser um dos grandes mistérios deste jogo das aparências: a negação da

morte e da ideia de finitude: do corpo, da juventude, da beleza, da aparência” (CHAVES, 2009, p. 234).

Figura 2

Narciso no lago, século XVI.



Fonte: Bernardo (2015).

De acordo com Chaves (2009), a narrativa desse mito tem permeado o imaginário das sociedades contemporâneas, em que os espelhos enredam os labirintos que acorrentam o quimérico da perfeição física.

Nesse sentido, situando nossos dias, podemos perceber que os espelhos estão ao nosso redor constantemente, pregados nas paredes, nas salas, nos quartos, nos salões de beleza e nas academias; eles fazem parte do nosso dia a dia, absorvendo boa parte do nosso tempo.

Segundos, minutos, horas... O olhar percorre, analisa, paralisa e mostra o instante de nosso reflexo. Nesse reflexo com a nossa própria imagem, o espelho nos invade, provoca ecos, projeta enredos, permitindo encontros, desencontros e confrontos, em um jogo concreto ou virtual de vida ou de morte da imagem que nos é revelada.

Narciso não parece congelado em seu tempo, mas em sua dinamicidade move-se para os dias atuais, carregado de mudanças, mas também de repetições.

Compreendemos que ele nos coloca entre dois polos: de um lado, a ânsia do arquétipo; do outro, a exaltação do eu. Todavia, apontamos a necessidade do equilíbrio entre esses polos, haja vista que sem o Narciso o homem não se funda, mas o seu excesso o destrói. E, certamente, é preciso ser narcísico, sem jamais desconstruir o seu equilíbrio.

Sendo assim, da imagem predominante de modelos de corpos, pautada nas concepções de harmonia e da musculatura definida, passa-se para outra perspectiva de corpo e de beleza. Uma concepção que não se reduz em referenciais ou modelos universalizantes, mas admite diferentes contornos corporais e sentidos diversos para a beleza.

ALÉM DO DIVINO E DO ENCANTADO: REDESENHANDO OUTROS CAMINHOS PARA A BELEZA

No campo de significações desvendado pelo corpo e pela beleza na Educação Física, expõe-se um leque de sentidos conferidos a esses fenômenos e a suas significações, especialmente mediante a sensibilidade e a linguagem humana.

Para tanto, nos apoiamos nas reflexões de Merleau-Ponty, que, ao tecer reflexões sobre a relação do pintor com seu corpo, fornece-nos elementos significativos para o nosso pensamento sobre o corpo. Para esse filósofo, “[...] é preciso reencontrar o corpo operante e atual, aquele que não é uma porção do espaço, um feixe de funções, que é um trançado de visão de movimento” (MERLEAU-PONTY, 2004b, p. 16).

Diante disso, consideramos a vivência da beleza como uma possibilidade de envolvimento e aguçamento dos sentidos para além dos modelos ou das informações contidas no objeto. A beleza na relação de imanência entre o sujeito e o objeto e na troca recíproca entre estes, em que novas interpretações são possíveis, advindas de experiências já vividas.

Sobre essa cumplicidade do vidente com o visível, em que as posições de sujeito e objeto se alternam e se entrelaçam simultaneamente, não sabendo mais quem vê e quem é visto, diz-nos Merleau-Ponty (2004b, p. 17): “O enigma consiste em meu corpo ser ao mesmo tempo vidente e visível. Ele, que olha todas as coisas, pode também se olhar, e reconhecer no que vê então o ‘outro lado’ de seu poder vidente. Ele se vê vidente, ele se toca tocante, é visível e sensível para si mesmo”.

Tomando as palavras do autor aqui referidas, somos levados à compreensão do corpo para além dos modelos, padrões e formas que lhe são impostos. O corpo não como uma mera formação biológica, mas como fonte visível e sensível, pincelada por escritos e marcas em sua existência.

Ainda no que se refere ao pensamento do filósofo, podemos encontrar acerca da experiência estética novas perspectivas do belo para além da concepção objetivista. A estética, em Merleau-Ponty (2004b), apresenta-se como um conceito aberto, como campo sensível que se dá pelos sentidos e pelo corpo. Com base em suas ideias, podemos pensar que a beleza expressa a dimensão estética presente na polissemia do corpo humano, uma experiência como apreensão do mundo por intermédio dos sentidos e da sensibilidade do corpo.

Vivenciar a beleza nessa perspectiva da sensibilidade, do aguçamento dos sentidos e do entrelaçar sensível do sujeito com o mundo faz-nos entender que ela aponta novos olhares para o corpo, ao transcender o entendimento objetivista de beleza. Reconhecendo-a não como modelo ou ideia, mas como vivência que rompe com o conceito linear e objetivista de corpo e adentra num duplo enlace que envolve simultaneamente o objeto e o indivíduo.

Pensar na beleza dessa maneira leva-nos a compreender que podemos vivenciá-la em nosso cotidiano por meio da arte, do esporte, do jogo, das imagens, dos corpos, dos transeuntes, dentre outras formas de expressão humana. Essa vivência, no entanto, não se resume ao conceito clássico ou a padrões preestabelecidos; ela é bem mais ampla, como acrescenta Porpino (2003, p. 152): “É preciso considerar que o ideal clássico de beleza não é o único, nem o suficiente para abarcar todas as possibilidades do estético, podendo ser considerado apenas um conceito, dentre tantos outros na contemporaneidade”.

Nesse sentido, compreendemos a experiência estética como uma possibilidade de redimensionar as perspectivas objetivistas do conhecimento sobre o corpo. Compreendemos que a linguagem sensível do corpo configura possibilidade de outros arranjos da beleza, expressos nas imperfeições, deficiências, desordens e discrepâncias.

Essa perspectiva estética aponta outro olhar para o corpo ao ampliar a compreensão de beleza para além da padronização das formas corporais. Isso remete-nos ao quadro *O acrobata*, de Pablo Picasso, conforme é possível evidenciar na Figura 3. Essa pintura não tem ordem, forma metrificada, tampouco equilíbrio e harmonia das formas. Ao revés, suas formas parecem desarticuladas, incompletas, desordenadas e falhas.

Figura 3

O acrobata, de Picasso, 1930.



Fonte: Pablo Picasso – paintings, quotes and biography (2016).

Sua beleza se constitui no grotesco, na desmedida e no desalinhamento de um corpo que conjuga, entre outras coisas, desarmonia como condição de existência. Nessa direção, sobre *O acrobata*, acrescenta Mendes (2006, p. 128): “[...] a sua harmonia corpórea ocorre na possibilidade de se desordenar, de gozar de plasticidade e na reaproximação do ser humano com sua animalidade”.

De fato, ao contemplarmos essa obra de arte, favorecidos pelas reflexões de Mendes (2006), somos levados por suas marcações, desconstruções, em que o reto e as distorções se permutam, confundindo todas as categorias de corpo. Aqui, o corpo humano libera-se das coerções e das limitações dos modelos, as palavras de ordem e de perfeição perdem a sua virtude, como se não houvesse outros modelos senão o que o próprio corpo decide ser, despojando qualquer norma e padrão. Ela suspende a visão da perfeição e revela diferentes ordens sobre as quais o corpo pode se instalar.

Esse conhecimento sensível, que se inscreve no corpo desse *Acrobata*, convida-nos a pensar na beleza como fonte de incertezas e contradições, a beleza como campo aberto aos sentidos e como fonte inesgotável de significações, vivenciada nas múltiplas relações que envolvem o homem e o mundo.

Acreditamos que é nessa direção que a Educação Física deve transitar, sem submeter-se a preceitos e a códigos fechados, mas capaz de lançar outras possibilidades para a contemplação da beleza, haja vista que os padrões estéticos, como proposições, não podem substituir a experiência da beleza como uma vivência sensível e arrebatadora.

Sendo assim, a experiência da beleza na área deve transcender os modelos ditos ideais para ser tomada e ancorada pelo deslumbramento e sensibilidade que os nossos olhos podem contemplar.

Compreender essas nuances constitui um contínuo desafio à Educação Física, ao disponibilizar sentidos e significados sobre o corpo, permitindo sentidos diversos e diferentes horizontes para se contemplarem o corpo, a beleza, a vida, o ser humano.

THE PATHWAYS OF THE BODY: REFLECTIONS ON THE BEAUTY IN THE CONTEXT OF PHYSICAL EDUCATION

Abstract: Talk on body and beauty seems something quite familiar to Physical Education. In this sense, we seek to reflect the relationships between body, beauty and Physical Education in the metaphorical reference the following artworks: *Apollo Belvedere*, *Narcissus and the lake* *The acrobat*. Initially, we will highlight the experience of beauty in its relation to the body,

considering two frames lined beauty in images of *Apollo* and *Narcissus*. Next, we present some reflections from the book *The acrobat*, Pablo Picasso, the feeling of pointing contributions to the field of Physical Education.

Keywords: body; beauty; physical education.

REFERÊNCIAS

BERNARDO, A. **Selfie e narcisismo**. Julho, 2015. Disponível em: <<http://www.com.ufv.br/cibercultura/?s=narciso>>. Acesso em: maio 2016.

CHAVES, S. F. **No labirinto dos espelhos: o corpo e os esteroides anabolizantes**. Niterói: Nitpress, 2009.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Tradução M. Albuquerque e J. Albuquerque. 18. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1998. (Texto original publicado em 1976).

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: história da violência nas prisões**. Tradução Raquel Ramallete. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. (Texto original publicado em 1975).

FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. Tradução Roberto Machado. 22. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2006. (Texto original publicado em 1979).

KLOSS, R. M. **Mitologia grega: Apolo**. Disponível em: <<http://www.dec.ufcg.edu.br/biografias/MGApolo0.html>>. Acesso em: 22 out. 2009.

MELO, J. P. Prefácio. In: NÓBREGA, T. P. (Org.). **Escritos sobre o corpo: diálogos entre arte, ciências, filosofia e educação**. Natal: EDUFRN, 2009. p. 9-11.

MENDES, M. I. B. de S. **Corpo e cultura de movimento: cenários epistêmicos e Educativos**. 2002. Dissertação (Mestrado em Educação)—Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2002.

MENDES, M. I. B. de S. **Mens Sana in Corpore Sano: compreensões de corpo, saúde e Educação Física**. 2006. Tese (Doutorado em Educação)—Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

MERLEAU-PONTY, M. **Conversas**. Tradução F. Landa e E. Landa. São Paulo: Martins Fontes, 2004a. (Texto original publicado em 1948).

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito**. Tradução P. Neves e M. Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004b. (Texto original publicado em 1966).

NAKAGAWA, P. Y. **O mito de Narciso**. Disponível em: <<http://www.palavra-escuta.com.br/textos/o-mito-de-narciso>>. Acesso em: 22 out. 2009.

NÓBREGA, T. P. Corpo e epistemologia. In: NÓBREGA, T. P. (Org.). **Epistemologia, saberes e práticas da Educação Física**. João Pessoa: UFPB, 2006. p. 54-74.

NÓBREGA, T. P. Merleau-Ponty: o corpo como obra de arte e a inexatidão da verdade. **Revista Cronos**, Natal, v. 9, n. 2, p. 393-403, jul./dez. 2008.

PABLO PICASSO-paintings, quotes and bioghaphy. **The acrobat, 1930, by Pablo Picasso**. Disponível em: <<http://www.pablocicasso.org/acrobat.jsp>>. Acesso em: maio 2016.

PORPINO, K. de O. Interfaces entre corpo e estética: (re)desenhando paisagens epistemológicas e pedagógicas na Educação Física. In: LUCENA, R.; SOUZA, E. (Org.). **Educação Física, esporte e sociedade**. João Pessoa: UFPB, 2003. p. 145-160.

PORTAL D'ARTE. **História ilustrada da arte**. Disponível em: <www.portal-daarte.com.br/23-escultura/00-05-Apollo-Belvedere.htm>. Acesso em: maio 2016.

SILVA, A. M. **Corpo, ciência e mercado**: reflexões acerca da gestação de um novo tipo arquétipo da felicidade. Campinas: Editores Associados; Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

SOARES, C. L. **Imagens da educação no corpo**: estudo a partir da ginástica francesa no século XXI. Campinas: Autores Associados, 2002.

Contato

Liege Monique Filgueiras da Silva
E-mail: silvaliege@yahoo.com.br

Tramitação

Recebido em 26 de setembro de 2012
Aceito em 8 de março 2014